

Capítulo 43 - DOI:10.55232/1084002043

**DE CIDADE FABRIL A CIDADE UNIVERSITÁRIA:
SOCIABILIDADE E LAZER EM RIO TINTO.**

Alessa Cristina Pereira de Souza, Nathália Jorge Novais

RESUMO: Neste trabalho se discute a dinâmica da cidade de Rio Tinto a partir do surgimento e da suspensão da quinta universitária, uma das poucas opções de lazer da cidade destinada aos jovens universitários, considerando as mudanças advindas devido à pandemia de COVID-19. Através da observação participante, do acompanhamento nas redes sociais e da interlocução com esses jovens, foi possível perceber a importância dessa prática de lazer e analisar as interações sociais entre os estudantes universitários, e destes com a cidade.

Palavras-chave: Cidade; Lazer; Jovens universitários; Sociabilidade; Pandemia; Quinta universitária.

INTRODUÇÃO

A cidade de Rio Tinto, localizada no litoral norte da Paraíba, é composta por aproximadamente 24.176 habitantes (IBGE, 2019). Dentre estes, há um elevado número de estudantes universitários que vêm de outras cidades e estados para estudar no Campus IV da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A cidade possui uma formação marcada por massacres e sangue indígena Potiguara (BARRETO, *et al*, 2017). Entre as décadas de 20 e 60 do século XX, existiu como um pólo fabril, que resultou em um processo urbanizatório baseado em uma cultura que propaga esse modelo de cidade. Com o fechamento da Companhia de Tecidos Rio Tinto (1983) e a criação do Campus IV da UFPB (2006), ocorreu a "invasão" de uma cultura heterogênea e plural, que vem transformando Rio Tinto de uma cidade fabril em uma cidade universitária.

A Universidade Federal da Paraíba é considerada a quarta melhor universidade do Nordeste e está dividida em 5 campi: Campus I - João Pessoa (sede), Campus II - Areia, localizado a 129 km da sede, Campus III - Bananeiras, localizado a 140 km da sede, e Campus IV - Mamanguape/Rio Tinto, localizado a 60 km da sede. O Campus IV da UFPB foi criado com o objetivo de capacitar a população local, operários e indígenas, porém, tornou-se um centro de migração, recebendo discentes, docentes e servidores técnicos de diferentes regiões brasileiras, com culturas, hábitos e valores diversos.

Esse processo migratório provocou certo “estranhamento” entre os antigos moradores de Rio Tinto, resultando em diversos tipos de sociabilidade, inclusive conflituosas, que aceleraram as transformações da cidade. Algumas dessas transformações se dão em torno dos usos dos espaços voltados para as práticas de lazer e sociabilidades, utilizados principalmente pelas pessoas mais jovens, como a Praça João Pessoa, onde acontecia a quinta universitária, evento de lazer e sociabilidade que ocorria todas as quintas-feiras à noite, na praça central da cidade, com música, shows, bebidas, etc., e reunia boa parte da comunidade universitária, principalmente os jovens, antes da pandemia de COVID-19 ser decretada, em março de 2020¹.

¹ COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-COV-2, que se espalha pela boca ou pelo nariz pelas pessoas ao tossir, espirrar, falar, tocar em outra pessoa, etc. Por isso, o vírus se espalha facilmente em locais fechados e em multidões. (Dados: Our World In Data e JHU CSSE COVID-19, 13 de maio de 2022). Para controlar o contágio, no início da pandemia foi decretado o “distanciamento social” por 15 dias, que se estende até os dias atuais (os Estados e municípios estão aos poucos decretando o fim do distanciamento a partir da situação de sua localidade). Além do distanciamento social, também foram decretadas outras orientações para evitar o contágio: manter uma distância de pelo menos 1 metro de outras pessoas, usar máscara

Nesse contexto, a praça João Pessoa, que já existia e tinha seus espaços ocupados pelos antigos moradores da cidade, antes da instalação do Campus IV da UFPB, se tornou o ponto de encontro e interação da recém chegada comunidade universitária.

Localizada no centro de Rio Tinto, próximo à Igreja Católica Paróquia Santa Rita de Cássia, a praça passou a ser palco de encontros diários, sobretudo, devido aos bares que ali existem. Porém, nas noites de quinta-feira esses encontros ganhavam outra dimensão e múltiplos significados. Naquela noite a praça ficava cheia de jovens universitários que se encontravam para se conhecerem e/ou reconhecerem; eles trocavam experiências, escutavam música, bebiam, dançavam, conversavam e se divertiam.

Partimos do entendimento de que o espaço público destinado a Praça João Pessoa passou por um processo de apropriação a partir das interações construídas entre os diversos grupos de pessoas, em sua maioria jovens universitários, que frequentavam a quinta universitária em busca de práticas de lazer e sociabilidade. Contudo, os protocolos de distanciamento social, impostos pela pandemia de COVID-19, instaurados a partir de março de 2020, suspenderam diversas formas de encontros presenciais, inclusive a ocorrência da quinta universitária, "aprisionando" os jovens universitários em suas casas, muitas vezes com familiares socialmente distantes, transformando as aulas em atividades remotas e, restringindo as opções tradicionais de sociabilidade e lazer, gerando e/ou intensificando sentimentos de ansiedade e solidão.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a produção do espaço urbano de Rio Tinto – PB, a partir das presenças e das ausências das práticas de lazer e sociabilidade construídas e vivenciadas entre os jovens universitários, observando a relação entre a cidade e seus atores sociais. Ele reflete também um momento político, que vem efetuando o desmonte das políticas públicas de educação e intensificando as perseguições e os ataques à ciência, às universidades, principalmente às universidades públicas e, conseqüentemente, a comunidade universitária, em especial aos jovens estudantes. Esse cenário de múltiplas crises² e perseguições foi agravado pela pandemia de

em público, lavar as mãos regularmente com água e sabão ou álcool 70%, higienizar os mantimentos, limpar constantemente a casa, etc. A vacinação contra o coronavírus se iniciou no país em 17 de janeiro de 2021 e se estende até os dias atuais.

² No ano de 2016, após pouco mais de três meses da eleição e posse do segundo mandato da Presidente Dilma Rousseff (2011-2016), foi iniciado o pedido de impeachment, em um golpe arquitetado pelo Congresso, pela mídia, segmentos do Judiciário brasileiro, mercado financeiro e pela alienação da população. O motivo para tal união foi a oposição que o governo apresentava ao congresso, que não compartilhava dos interesses liberais da extrema-direita. O golpe gerou uma calamidade social, política e econômica que se intensificou com as

COVID-19. e vem resultando em um aumento de problemas relacionados à saúde mental dessa população.

A pesquisa que embasa esse trabalho foi realizada entre março de 2019 e dezembro de 2020, no intuito de observar os espaços ocupados pelos jovens universitários e suas relações nos momentos de lazer, percebendo também o impacto da pandemia na vida desses indivíduos, principalmente daqueles que permaneceram em Rio Tinto durante o período de distanciamento social. A partir desse olhar, buscou-se compreender as mudanças no cenário da cidade antes e durante a pandemia de COVID-19.

Dentro da perspectiva da antropologia urbana, foram abordadas as ações de socialização e as formas de lazer através de teorias relacionadas a este tema, utilizando técnicas dentro da pesquisa de campo de cunho qualitativo. Inicialmente, apropriamo-nos da observação participante, com o pressuposto de Malinowski (1984), focando em análises gerais sobre como esses encontros aconteciam e em seus significados através dos comportamentos e ações dos indivíduos. Neste período, foi utilizado o diário de campo para registrar impressões, reflexões e direcionamentos por meio de conversas e entrevistas, além do acompanhamento das redes sociais, e muitas conversas com os nossos interlocutores.

Este trabalho se divide em duas partes: em um primeiro momento, a cidade de Rio Tinto no “fazer-se cidade universitária” destaca a socialização que ocorria na quinta universitária, mostrando as interações dos universitários durante aquela noite. Em seguida, apresenta-se a reapropriação da Praça João Pessoa, pelos antigos moradores da cidade, durante a pandemia de Covid-19 e as novas interações desenvolvidas na cidade.

RIO TINTO NO FAZER-SE CIDADE UNIVERSITÁRIA

A juventude contemporânea vivencia um mundo complexo, sendo constantemente cobrada como agente transformador do futuro. Os universitários, por sua vez, parecem carregar o peso da responsabilidade de repensar os processos históricos de desigualdade fundamentados nos marcadores sociais: raça, classe, sexualidade, etc. Muitos deles

eleições de 2018, quando o candidato de ultra direita, Jair Bolsonaro, foi eleito. A partir de então, iniciou-se uma série de medidas inconstitucionais que instauraram um retrocesso nas políticas públicas e em todos os âmbitos sociais. A ascensão da extrema-direita implantou um governo neoliberal de valores ultra conversadores, que enaltecem ideologias neofacistas, além de alavancar a crise econômica e social, e intensificar a crise sanitária instaurada pela pandemia de COVID-19, através do negacionismo da gravidade e das formas de prevenção ao vírus. Desde o início do mandato o presidente Jair Bolsonaro tem atacado as universidades públicas, os professores e os estudantes.

encontram na universidade possibilidades de liberdade, ao saírem de suas casas e migrarem para outras cidades dando continuidade aos estudos. Essa é a situação de muitos estudantes do Campus IV da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), localizado em Rio Tinto.

Após algumas discussões sobre antropologia urbana e sociabilidade, surgiram questionamentos referentes à importância dos momentos de lazer e convivência entre os universitários, principalmente ao interligá-los em questões como desempenho acadêmico e saúde mental.

No decorrer de uma semana exaustiva, os universitários possuem pouco tempo para se distraírem, muitas vezes se envolvendo em mais e mais atividades acadêmicas e reprimindo-se ao ponto de não se darem um tempo para descontração. Contudo, quando encontram um tempinho livre se deparam com o dilema: Para onde ir? Rio Tinto não possui muitos locais de socialização juvenil. Diante dessa ausência, era nas quintas-feiras que os estudantes tentavam desopilar, reunindo-se na Praça João Pessoa e curtindo a noite, em meio a shows, bebidas e muita diversão.

Segundo relatos dos jovens, nota-se a importância daquela noite para a saúde mental dos/as estudantes que muitas vezes haviam acabado de sair do ensino médio e estavam se adequando às demandas acadêmicas. Era na quinta universitária que eles conseguiam desestressar, dançar, cantar, beber, conversar e esquecer um pouco as obrigações acadêmicas. Mediante isso, laços eram criados entre os discentes que valorizavam as práticas de lazer existentes na praça.

É importante mencionar que estamos entendendo lazer como:

um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER, 2000, pág. 34).

Nesta visão, há uma conceituação de lazer como consequência das trocas de informações desinteressadas, que proporcionam um momento de prazer e aprendizado indireto. Esses afastamentos das questões profissionais, familiares e sociais proporcionam um momento de reflexão para os jovens universitários, ajudando na resolução de problemas e clareando a mente em suas prioridades.

A praça João Pessoa, assim, tornou-se um espaço simbólico, pois englobava rotinas de vida, manifestações da vida urbana, troca de informações, conflitos, encontros, etc. (MAGNANI, 1984). Na quinta universitária, era notável a integração e interação entre os jovens universitários, todos se divertiam e socializavam, tornando a praça um lugar de lazer e sociabilidade na/da cidade.

A tradição de ir à praça é antiga, unindo moradores mais velhos, crianças, casais, adolescentes e, mais recentemente, a juventude universitária. Mas, esses grupos não frequentam a praça ao mesmo tempo, há uma dinâmica temporal específica para o uso daquele espaço. Como já mencionado, nas noites de quinta-feira, a praça era o lugar de integração dos jovens universitários.

Entende-se por integração “a forma de sociabilização que se baseia no ato de interagir com estudantes universitários de outros cursos, campi e universidades, em um ambiente festivo de lazer (...)” (LIMA, 2018, p.77). Seguindo a visão de Simmel (2006, p.65) em que

A sociabilidade se poupa dos atritos por meio de uma relação meramente formal com ela. Todavia, quanto mais perfeita for como sociabilidade, mais ela adquire da realidade, também para os homens de nível inferior, um papel simbólico que preenche suas vidas e lhes fornece um significado que o racionalismo superficial busca somente nos conteúdos concretos.

A partir da sociabilidade e da interação com outros universitários, os estudantes reafirmam suas identidades culturais, apropriando-se dos espaços que se aliam às construções identitárias dos sujeitos; o território é percebido como parte de uma dimensão simbólico-cultural (HAESBAERT, 2009). As identidades se afirmam através de simbolismos que definem e direcionam os sujeitos a grupos que possuem interesses comuns, fortalecendo o sentimento de pertencimento (HALL, 2001).

Ao pensar nesses encontros na praça como símbolo-cultural, é possível partir da teoria interpretativa de Geertz (2008) e entender a cultura através de símbolos e significados, buscando através de analogias e de inscrições, perceber como os significados são fixados, interpretados e entendidos pelo grupo, formando seus códigos socioculturais. Podemos observar esse fato no vestuário dos sujeitos, nas ações, nos gostos musicais, entre outras ações que influenciam na integração do sujeito aos demais e o incluem em grupos que possuem características ou gostos parecidos. Em outras palavras, as ações individuais

possuem significados que ao serem analisados apresentam características culturais e códigos sociais.

Ao observarmos as práticas de lazer e de sociabilidade entre os jovens universitários em Rio Tinto, identificamos um momento comum proporcionado pela quinta universitária. Ali, era possível perceber, através da interação dos universitários, como os estudantes reafirmavam suas identidades culturais e apropriavam-se de espaços públicos, através da construção de redes de sociabilidade. Afinal, essas práticas de lazer e sociabilidade eram desenvolvidas a partir das condições sociais e dos espaços em que esses jovens se encontravam, significando e enaltecendo novas formas de vivenciar as dinâmicas na cidade.

Para Dumazedier (2000), lazer é todo ato de escolha natural e de pertencimento que gera ações recíprocas em laços de sociabilidade. Percebemos isso ao observar os elos de amizade que se construíam entre os jovens, impactando tanto em suas vivências e experiências individuais como nas coletivas e, dessa forma, contribuindo para (re)significações em meio à quinta universitária.

Naquele evento, percebia-se que as identidades eram evocadas através de simbolismos que direcionavam os sujeitos aos grupos que possuíam interesses convergentes, o que gerava um sentimento de pertencimento (HALL, 2006). As vivências durante o evento mostravam a importância da socialização entre os estudantes para a criação de vínculos afetivos e a (re)afirmação de identidades.

A quinta universitária, mesmo neste período de suspensão, ainda é vista, pelos universitários, como um lugar/momento de desestresse, onde se tecem interações entre os jovens e aproximações com a cidade. Ali, estudantes de cursos e turnos distintos conseguiam se conhecer, estabeleciam trocas culturais, processos de socialização, etc.

Como pôde ser observado, o foco da nossa pesquisa são os jovens, com faixa etária entre 17 e 28 anos, em sua maioria, alunos dos cursos que funcionam na unidade de Rio Tinto, tendo poucos discentes dos cursos de Mamanguape. As análises se fundamentam nos relatos obtidos durante os meses de março de 2019 e fevereiro de 2020, quando a quinta universitária estava acontecendo, e de setembro a dezembro de 2020, quando o distanciamento social já estava em vigor e a quinta universitária estava suspensa; possibilitando a comparação entre os relatos dos discentes mais antigos sobre como funcionavam as antigas quintas universitárias, como estas se modificaram e, agora com a inserção dos universitários pandêmicos, foi possível perceber o modo como este evento não possui mais impacto, sendo desconhecido.

A existência destes encontros tem muito a ver com os ciclos universitários. Os universitários, em seus relatos, demonstram que buscavam na praça formas de distração, criando elos de amizade através de gostos e afinidades em comum. Partindo desses dados iniciais, foi possível estabelecer diálogos com discentes de diferentes períodos e cursos, conhecendo um pouco de suas vivências na praça e da interferência destas em seu cotidiano.

Na quinta universitária, os shows costumavam começar por volta das 23:30 e iam até às 01:30, havendo variações. Eles ocorriam no bar principal, que contratava músicos de diferentes estilos, com o objetivo de contemplar todos os gostos. Após o término dos shows, todos os bares ligavam os sons e os universitários se dividiam em diversos grupos, com caixas de som pessoais, colocando suas próprias músicas e permanecendo na praça até às 5 horas da manhã.

Para os veteranos, os inícios de períodos eram como um rito de passagem para a acadêmica, fazendo com que alguns grupos de alunos se reunissem e levassem galões de suco *gummy*³ para confraternizar e “batizar” os *feras*⁴. Nesse sentido, ir à praça na quinta universitária tornou-se um instrumento de integração e interação entre os universitários de diferentes cursos e períodos, em horários não acadêmicos.

Um interlocutor afirma a importância do encontro na praça para a integração social e adaptação dos estudantes na cidade:

(...) naquele ambiente eu encontrei a minha turma toda reunida. Foi quando eu pude ter a experiência de conhecer as pessoas fora da faculdade, porque quando você conhece no ambiente da aula as pessoas não transparecem ser o que são, elas querem ser algo diferente. Todo mundo faz isso, inclusive quando eu entrei. E lá (*quinta universitária*) você pode conhecer as pessoas de verdade (...). Eu estava lá conversando com meus colegas e a gente comentava sobre as aulas e tudo, começamos a nos conhecer melhor (...). Eu achei *massa*. Foi *top* assim a primeira quinta. (Estudante de Sistemas de Informação, abril 2019, grifo nosso)

³*Suco Gummy*: bebida com teor alcoólico, popular entre os universitários. Composição: Água, suco em pó, bala halls e Vodca.

⁴ *Feras*: Denominação dada aos novos discentes da universidade.

A quinta universitária é propagada pelos estudantes e moradores da cidade, nem sempre de forma positiva⁵, de modo que os novatos logo são informados sobre a sua existência, como relata outro interlocutor:

A quinta universitária eu conheci assim que cheguei, no mesmo dia que cheguei. (...). Eu achava que era tipo um evento, alguma coisa assim e não que toda a quinta os universitários se reuniram na praça e coisa assim. Achava que era um evento mesmo, pois já estava próximo ao carnaval, aí considerei que era algo relacionado a esse momento. (...) A primeira quinta que eu fui foi na primeira semana de aula. Eu cheguei e já fui para a quinta-feira. (Estudante de Ciência da Computação, abril 2019)

A ciclicidade das quintas é nítida, pois as maiores movimentações acontecem uma vez ao ano, quando todos os cursos têm turma de entrada. É relatado que os estilos dos novos discentes que vão à praça variam muito, e a cada período a quinta universitária ganha um novo ritmo, uma nova cor e novos sentidos.

No período em que ficamos em campo foi possível observar que os universitários mais frequentes na praça estão vinculados aos cursos de Licenciatura em Ciência da Computação, Antropologia e Ecologia. Interessante discutir essas especificidades porque, dentre os universitários, Antropologia e Ecologia são os cursos mais estigmatizados⁶ e excluídos frente aos demais cursos da áreas de exatas que funcionam no Campus IV.

Outro ponto observado é que a desvalorização da sociedade com relação às questões que envolvem as práticas de lazer causa grandes conflitos entre os jovens. Como exemplo, alguns estudantes relataram suas relações com seus familiares que, muitas vezes, impõem a eles a visão de que estão em Rio Tinto apenas para estudar e não se divertir. Com essa repreensão familiar, alguns jovens acabam não frequentando momentos de confraternização por saber que a família interpreta de outra forma, afinal, ele deveria “estar estudando e não curtindo”.

Nesse sentido, um interlocutor relata que

⁵ Enquanto os universitários vêm na Praça uma forma positiva de lazer e sociabilidade, os antigos moradores da cidade condenam esse evento, vendo a quinta universitária como um momento de bagunça; algo que “suja” a imagem da cidade.

⁶ Entende-se por estigma o signo ou marca dada a um indivíduo, que o caracteriza como inferior ou desqualificado diante da sociedade por sua ausência de “normalidade” atribuída pelos padrões sociais, ou seja, é “a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena” (GOFFMAN, 1981, p. 4).

Tem famílias que, tipo, é até às nove horas e se passar, já sabe né. Aí vai sair, tem de falar onde vai, com quem, horário, toda a restrição. E aqui não tem isso e os pais não estão no pé. E as pessoas acabam que, quando recebem um pouquinho de liberdade, são as que mais se prejudicam. Claro, nem todos casos, cada caso é um caso. Mas os que eu acompanho de perto são assim. Pessoas que foram criadas presas e na primeira oportunidade de se soltar acabam entrando nas drogas (...) (Estudante de Ciência da Computação, abril 2019).

No segundo ciclo da pesquisa, entre os meses de agosto/2019 a fevereiro/2020, foi perceptível a redução de jovens na praça. A diminuição de estudantes na quinta universitária pode se relacionar a diferentes fatores, sobre os quais não possuímos dados suficientes para discutir nesse trabalho.

Na quinta, há o consumo livre de bebidas alcoólicas entre os jovens, que acabam contribuindo para a interação entre eles e a formação de grupos (LIMA, 2018). Contudo, o consumo exagerado de bebidas torna-se um fator negativo desse evento, prejudicando estudantes que possuem aulas na sexta-feira de manhã (Estudante de Ciência da Computação, abril de 2019). Outro ponto considerado negativo pelos estudantes é o uso *exagerado* de drogas ilícitas, que causa aglomerações na praça e prejudica os próprios estudantes (Estudante de Ciência da Computação, maio 2019).

Durante uma entrevista, um interlocutor comenta que

(...) tem universitários que acabam se prejudicando com a quinta universitária (...) muitos jovens querem aproveitar essa liberdade que tem, de saírem do controle dos pais e saírem de casa, com essa autonomia de morar sozinho. Contudo, não assumem a responsabilidade e as consequências de seus atos e, com isso, acabam indo para a quinta e entrando em contato com pessoas que têm o mesmo perfil, perdendo o controle. Nisso acaba virando a quinta, sexta, sábado, domingo, tudo universitário e faculdade não se importam. Eu conheço diversos assim. Pessoas que sentem que na quinta são livres e que abre um universo para bebidas, drogas e sexo, coisas de adolescentes/jovens. E, se não controlado de maneira responsável, acaba prejudicando em 100% o curso. (Estudante de Ciência da Computação, abril 2019)

Em contrapartida, como já mencionado, a quinta universitária é reafirmada como local de desestresse. Nela, os estudantes conseguem interagir com outros sujeitos, viver momentos agradáveis de lazer, fortalecendo laços já existentes e/ou criando novos. A quinta

universitária tornou-se um evento dual, com pontos positivos e negativos, a depender de cada indivíduo e de suas ações, para alguns ela justifica-se como um momento de desopilação:

Acaba sendo uma saída de escape, uma forma de respiração, de dizer “Pronto! Agora posso voltar para a rotina!”. E todo mundo precisa disso, se não enlouquece. Aí tem esse lado bom, de pessoas que vão para se distrair e desestressar dessa vida de universitário e tem o lado ruim, de gente que aproveita isso, dessa liberdade para aproveitar mesmo e não está nem aí, acaba fazendo besteira. Ou seja, tem pessoas que saem prejudicadas e tem pessoas que saem beneficiadas. (Estudante de Ecologia, abril 2019)

A praça se torna um território repleto de *cenas*, um lugar, com seus simbolismos e representações, pertencentes a cada grupo ali presente. Para Magnani (2005, p. 202), a cena

É constituída pelo conjunto de comportamentos (pautas de consumo, gostos) e pelo universo de significados (valores, regras) exibidos e cultivados por aqueles que frequentam os lugares “certos” de determinado circuito. Em resumo, pode-se “frequentar” o circuito, mas “pertence-se” a tal ou qual cena.

De modo geral, a quinta universitária era considerada pelos estudantes como um ponto central para manter-se equilibrado na universidade, um ponto de escape dos estresses cotidianos. Não foi descartado que o exagero durante essas noites pode ser prejudicial. Contudo, grande parte dos indivíduos mostrou responsabilidade com relação aos seus compromissos acadêmicos, relatando que não faltavam às aulas da sexta e em dias de avaliação não iam para a praça ou voltavam mais cedo, utilizando aquele momento de lazer para se tranquilizar, equilibrar e divertir; demonstrando a importância que aquele momento semanal de lazer, troca e socialização tem em suas vidas.

Contudo, com a pandemia de COVID-19 e a suspensão da quinta universitária viu-se a necessidade de se refletir sobre a (re)construção do cotidiano desses jovens universitários, bem como sobre a reconstrução da cidade, a partir da suspensão das práticas de lazer e dos usos dos espaços públicos da cidade pelos estudantes universitários, repensando a cidade antes do surgimento da quinta universitária, durante o tempo em que o evento aconteceu e no momento atual, em que ele está suspenso.

PANDEMIA DE COVID-19 E A (RE) APROPRIAÇÃO DA PRAÇA JOÃO PESSOA

Durante a pesquisa foi possível notar a transformação da cidade de Rio Tinto e as novas relações instauradas pelas políticas de distanciamento social da COVID-19, cujo isolamento afetou de diferentes formas a vida dos jovens universitários, a depender de suas condições sociais (BITTENCOURT; PEREIRA, 2020). O distanciamento social impossibilitou os encontros presenciais e tem colocado os jovens universitários com os quais interagimos em situações de isolamento e adoecimento mental (MORALES, LOPEZ, 2020; BITTENCOURT; PEREIRA, 2020).

Após entendermos a Praça João Pessoa como um espaço público que passou pelo processo de “apropriação” pelos jovens universitários, a partir das relações construídas naquele lugar, na quinta universitária, é possível notar a (re)apropriação daquele espaço pelos antigos moradores da cidade, após a saída dos jovens, durante a pandemia de COVID-19.

Nesse contexto, foi evidenciado o modo como os jovens não se sentem mais confortáveis em suas casas, muitas vezes em outras cidades, e nem são bem vistos na cidade de Rio Tinto, principalmente depois que a universidade passou a realizar suas atividades de forma remota. Esse não pertencimento acaba por gerar e/ou intensificar o sentimento de angústia e solidão (BITTENCOURT; PEREIRA, 2020).

Muitos desses jovens encontravam na universidade possibilidades de liberdade, ao migrarem para instituições em cidades ou estados diferentes, muitas vezes distantes do domicílio familiar. A universidade é “um verdadeiro espaço de promoção do desenvolvimento humano, pois os indivíduos aí formados tornam-se o principal recurso para a transformação da sociedade, respondendo às necessidades das comunidades locais” (MORALES, LOPEZ, 2020, p.59). Nesse contexto, consideramos o lazer e as sociabilidades, momentos fundamentais para um bom aproveitamento acadêmico e de interação com a comunidade.

Porém, durante esses dois anos de pandemia, quando a maior parte dos estudantes migraram de volta para as suas cidades de origem, os moradores de Rio Tinto se (re)apropriaram da praça João Pessoa, principal lugar de lazer dos jovens universitários, antes da pandemia. Nesse período, a praça passou por um processo de reforma para atender

as necessidades dos moradores, tendo sido construído um parquinho para as crianças, uma fonte, uma pastelaria, etc.

No momento presente, em que estamos vivendo o retorno gradual das atividades presenciais da universidade e, conseqüentemente, dos estudantes à cidade, se percebe uma intensificação do estranhamento entre os universitários e os moradores locais. Os jovens que começam a chegar em Rio Tinto, passam a ser observados por olhares de soslaio e comentários pejorativos sobre sua permanência na cidade, como outrora, quando da criação do Campus; e o discurso de que os jovens universitários degradam a cidade com festas, drogas e etc., que aos poucos vinha sendo minimizado, novamente se faz presente.

Na tentativa de defesa de suas individualidades e identidades, os universitários incorporam em seu dia-a-dia atitudes de reserva e/ou blasé (SIMMEL, 1987), sendo notável a forma como as relações de afinidades e trocas entre os jovens mudaram, havendo poucas interações entre estudantes de cursos distintos, mesmo entre os poucos que permaneceram na cidade durante o período de pandemia.

Como resultado do esvaziamento da cidade e do "sumiço" dos universitários dos "pedaços" de sociabilidade, que agora estão sendo (re)ocupados pelos antigos moradores, vemos a tentativa de novos alunos se encontrarem, dialogarem e se apropriarem de um novo local: o Rio do Gelo, localizado na Cagepa, a noroeste do Rio Mamanguape. Este, tem sido o local de encontros dos alunos veteranos, após o retorno para a cidade de Rio Tinto. É importante mencionar que o Rio do Gelo fica em um local isolado e de difícil acesso, um local de invisibilidade, mas também de reserva. Os estudantes têm se reunido no período da manhã e/ou da tarde para tomar banho, beber e se divertir nas águas geladas do rio, sem os "olhares da cidade" sob seus corpos estigmatizados.

Ademais, a quinta universitária não tem sido uma alternativa de lazer para os jovens universitários pois, mesmo que na praça haja shows como antes, os novos alunos desconhecem aquele local de sociabilidade, que atualmente vem atraindo e sendo ocupado pelos antigos moradores da cidade, que replicam hábitos e costumes conservadores.

Os alunos veteranos, que vivenciaram a quinta universitária como evento de sociabilidade e lazer, se formaram ou estão em vias de conclusão de seus cursos, muitos nem retornaram para Rio Tinto, e os jovens que estão na cidade, novatos (feras), só possuem como momento de interação social suas salas de aula. Os passeios atuais são feitos nas barracas que existem no lado oposto à Praça João Pessoa, quase sempre com pessoas do

mesmo curso. É uma nova dinâmica. Como já mencionado, as interações entre estudantes de cursos distintos tornaram-se quase inexistentes.

A quinta universitária, que despertava o sentimento de pertencimento e evocava diferentes identidades culturais, deixa de ser uma opção para os jovens universitários, que não possuem mais aquele momento de interação e socialização. Os novos universitários desconhecem o espaço da praça como local de sociabilidade juvenil e, muitas vezes, só conhecem os próprios colegas de turma. Isto posto, o Rio do Gelo tornou-se o local onde os universitários veteranos se encontram, já que a quinta universitária não acontece mais. Esse novo “pedaço” de sociabilidade juvenil e as relações sociais que ali se constroem é o foco da nova fase dessa pesquisa, que se iniciará no segundo semestre de 2022, quando do retorno total das atividades presenciais na UFPB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, esta pesquisa evidenciou a importância das análises sobre as relações sociais construídas em torno das sociabilidades e do lazer mediado pelas práticas universitárias, bem como, o impacto da pandemia em vários âmbitos da vida dos estudantes, sobretudo, nas relações sociais que são construídas e que constroem a cidade de Rio Tinto.

Esta cidade, que vem se reconstruindo desde a instalação do Campus IV da UFPB, a partir das interações e conflitos entre os antigos moradores e os jovens universitários recém chegados, ganhou um novo capítulo com o distanciamento social imposto pela pandemia de COVID-19.

O distanciamento social impossibilitou os encontros presenciais e colocou os jovens universitários em situações de adoecimento mental, ao ponto de muitos “infringirem” o isolamento como forma de superar a solidão e ao medo, ao mesmo tempo em que a cidade se (re)organizou a partir das ausências desses atores em seus espaços públicos.

Quando a quinta universitária, que (re)desenhava a paisagem da cidade através das cores, dos ritmos, dos risos e dos movimentos dos universitários, despertava o sentimento de pertencimento e evocava diferentes identidades culturais, deixa de ser uma opção, os universitários passam a não ter mais um momento específico de interação e socialização em e com Rio Tinto, e a cidade se (des)configura para novamente se (re)configurar.

Não descartamos outras formas de lazer, como o repouso, a leitura ou os lazeres direcionados a jogos online, contudo, nossas análises tinham por objetivo focar em formas

de socialização que valorizem a convivência entre os estudantes e a importância de se estabelecer relações e elos com outros discentes e com a cidade. Nesta interação há uma troca de conhecimentos entre os sujeitos de diferentes lugares, cursos, etc. Ao longo da pesquisa, foi possível perceber aspectos da vida acadêmica que acabam esgotando a mente e desencadeiam um alto nível de estresse e problemas, comprometendo a saúde mental desses jovens; evidenciou-se também a influência e incompreensão de muitas famílias e a desvalorização e até mesmo a condenação da sociedade no que diz respeito aos momentos e práticas de lazer.

Enfim, buscamos apresentar aqui resultados parciais que evidenciam a presença de estudos sobre o modo de vida universitário, sobretudo sobre as relações sociais e o modo como elas são construídas, muitas vezes em momentos de lazer, percebendo a interação entre os atores sociais e a produção social da cidade.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. Escolhendo um campo de pesquisa. In: ANGROSINO, M. Etnografia e observação participante. Artmed editora S.A. Porto Alegre/RS; p. 45-52, 2009.

BITTENCOURT, J.B.M; PEREIRA, A.B. Isolamento e distanciamento social: o impacto do Coronavírus na vida dos jovens brasileiros. Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), Boletim Cientistas Sociais, nº 74, 2020. Disponível em: <http://anpocs.com/images/stories/boletim/boletim_CS/Boletim_n74.pdf>. Acesso em: 26 maio 2022.

DUMAZEDIER, J. Lazer e cultura popular. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2000.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In:__. A interpretação das culturas. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOFFMAN, E. Estigma- notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Editora : LTC; 4ª edição, 1981.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LIMA, M.G. Espaços de lazer e territórios juvenis em Três Lagoas/MS. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Três Lagoas, 2018.

MAGNANI, J.G.C. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAGNANI, J.G.C. Os circuitos dos jovens urbanos. Tempo Social, vol.17, n.2, p. 173-205, 2005.

MALINOWSKI, B. Os argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo - Série os Pensadores. Abril Cultura, 1984.

MORALEZ, V.J.; LOPEZ, Y.A.F. Impactos da Pandemia na vida acadêmica dos estudantes universitários. Revista Angolana de Extensão Universitária, v.2, n.3, julho, p. 53-67, 2020.

PANORAMA POPULACIONAL DA CIDADE DE RIO TINTO. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/rio-tinto/panorama>> Acesso em: 10 set. 2019.

SIMMEL, G. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

UFPB. Universidade Federal da Paraíba. Conselho Universitário (CONSUNI). Anexo da Resolução 05/2006. Projeto de Criação e Implantação/ Campus IV da UFPB (Litoral Norte, 2005), 2006.